

O SINCRETISMO RELIGIOSO CRISTÃO NA CONTEMPORANEIDADE: ANÁLISE DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS DA IRMANDADE DA LUZ

Alice Toledo Lima da Silveira

Este estudo faz parte de um projeto de pesquisa de mestrado realizado na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, no qual propomos a análise da materialização do processo sincrético das práticas discursivas de uma vivência religiosa contemporânea, a Irmandade da Luz, localizada na cidade de Goiânia, em Goiás. Para tanto, almejamos perceber na materialidade dos textos orais e escritos, por meio da Análise do Discurso Textualmente Orientada, o processo constitutivo das práticas discursivas do grupo. Analisar as práticas discursivas implica observar os processos de produção, distribuição e consumo textuais e reconhecer neles o modo como ocorre a articulação, a rearticulação e a estruturação dos discursos constitutivos do grupo. Propomos para o presente estudo uma reflexão primária sobre o processo sincrético da Irmandade da Luz, uma vez que a pesquisa ainda se encontra em fase inicial.

Em uma primeira análise, o processo sincrético da Irmandade da Luz apresenta-se pela fusão de cinco principais doutrinas religiosas: o Catolicismo, o Espiritismo, a Umbanda, o Santo Daime e o Vale do Amanhecer. Juntamente à fusão destas doutrinas, está a inclusão da figura de Ramatís, considerado um grande nome do espiritualismo universalista. Está presente também no processo sincrético práticas xamânicas, como as pajelanças. A base comum entre estas práticas religiosas, para a Irmandade da Luz, é a crença na divindade de Jesus Cristo e de Maria. Ou seja, todas essas práticas religiosas estão inseridas no interior de uma perspectiva cristã-mariana. Para uma maior clareza sobre a constituição e a estruturação do grupo, faremos a seguir uma breve descrição da formação, organização e atuação da Irmandade da Luz.

Irmandade da Luz – breve apresentação

O nome original deste grupo é *Ordem Missionária Esótero-espiritualista Cristã Mariana Irmandade da Luz*, cujo uso abreviado é Irmandade da Luz. Como sugere a denominação autoexplicativa, esta é uma ordem religiosa organizada e hierarquizada de caráter missionário, inserida em uma perspectiva cristã-mariana. Compreende parte de

suas atividades como esotéricas, no sentido de restrição do conhecimento apenas aos iniciados, e pugna pela crença no intercâmbio entre o plano dos *encarnados* e dos *desencarnados*, daí a perspectiva espiritualista. Afirma que não busca seguidores ou adeptos, mas que há a predisposição em servir desinteressadamente, por meio da realização de procedimentos espirituais (*passes*, consultas com entidades, cirurgias espirituais) para o restabelecimento da saúde do corpo, da mente e do espírito. A Irmandade da Luz deu início às suas atividades no final ano de 2009 ainda em caráter fechado e contando apenas com cinco membros. Em dezembro de 2010, contando então com quinze membros, houve a abertura de atividades ao público e a definição preponderante de sua atuação como uma casa de saúde espiritual. Atualmente, o grupo conta com dezenove membros e as atividades direcionadas ao público são o seu grande enfoque. O símbolo da Irmandade da Luz é uma estrela de cinco pontas inserida em um círculo e abaixo da estrela encontra-se a cruz dos patriarcas, também conhecida como cruz de Caravaca, com a adaptação da inserção do manto sobre a cruz.

A estrela é um símbolo que também define a organização da Irmandade da Luz, tanto hierárquica como funcional. Os graus da hierarquia, de maior para menor grau, são os seguintes: cavaleiros grão-mestres ou damas-mestras do conselho dos confederados; cavaleiros grão-mestres ou damas-mestras da cruz do cristo; cavaleiros grão-mestres ou damas-mestras do círculo universal; cavaleiros grão-mestres ou damas-mestras da estrela de Betelgeuse da constelação de Órion; cavaleiros grão-mestres ou damas-mestras da luz da Ordem; cavaleiros grão-mestres ou damas-mestras da Ordem; assistentes do conselho dos confederados; assistentes da cruz do cristo; assistentes da estrela de Betelgeuse; assistentes da Ordem; auxiliares. O número máximo para cada um desses graus hierárquicos é de cinco membros, não havendo um número mínimo. Não há um membro que tenha chegado ao grau máximo da hierarquia. Há apenas um que está no grau de cavaleiro grão-mestre da luz da Ordem, este definido como coordenador das atividades pelos dirigentes do *plano espiritual*. Aqui cabe ressaltar que todas as decisões, tanto as relacionadas à hierarquia quanto à estruturação das reuniões, à deliberação das atividades realizadas pelos membros da casa entre outros assuntos que constituem e definem a Irmandade da Luz são realizadas pelos dirigentes espirituais em conjunto com os cavaleiros da Irmandade. Sendo assim, ainda que haja um coordenador das atividades, todas as decisões que concernem à constituição e o funcionamento do grupo são realizadas em conjunto com os dirigentes espirituais.

Para a Irmandade da Luz, são cinco os dirigentes das atividades no *plano espiritual*, quais sejam: Ramatís, Obatalá, Allan Kardec, Iemanjá e Mestre Irineu. Cada um destes é responsável pela direção das atividades que constituem a Ordem Irmandade da Luz como uma casa de saúde espiritual. Ramatís é o responsável pela parte de *iluminação e conhecimento*; a formação de novos membros, palestras sobre a estrutura e o funcionamento da Irmandade da Luz. Obatalá é o responsável pela parte de cura, formação mediúnica, terapias essenciais e desobsessão. Allan Kardec é responsável também pela formação mediúnica e por terapias. Iemanjá farmácia, formação mediúnica, trabalhos de pena e maracá, trabalho com ervas. Já Mestre Irineu é o responsável pela recepção, monitoramento e liberação do tratamento dos pacientes. Como citamos anteriormente, a Irmandade da Luz é uma ordem hierarquizada. Além de estarem inseridos em graus hierárquicos, cada um dos membros está inserido no que convencionou-se chamar como *ponta da estrela*; por exemplo, há um cavaleiro grão-mestre da ponta de Obatalá, seguido de um assistente da estrela de Betelgeuse da ponta de Obatalá, um assistente da Ordem da ponta de Obatalá e um auxiliar da ponta de Obatalá. Cada um desses membros realiza as atividades que estão sob a direção do dirigente espiritual da ponta da estrela em que está inserido.

Por se tratar de uma ordem, todos aqueles que se dispuseram a fazer parte da Irmandade da Luz passaram pelo processo de iniciação. A cada seis meses este processo se repete, e todos os membros são iniciados, exceto os cavaleiros. A iniciação é um ritual esotérico fechado, restrito apenas àqueles que fazem parte da Irmandade da Luz e, em alguns casos, poucos convidados. É também neste momento que cada membro é indicado para uma *ponta da estrela*.

Os *trabalhos*, como são chamadas as atividades realizadas pelo grupo, acontecem três vezes por semana e em cada um desses dias há atividades distintas. Às quartas-feiras ocorrem os trabalhos de *desobsessão e pena e maracá*, direcionados aos pacientesⁱ da casa, que também alternam-se com os trabalhos de *estudo mediúnico e gira* e os trabalhos *xamânicos*, ambos restritos aos iniciados na Ordem Irmandade da Luz. Ou seja, a cada quarta-feira há um tipo distinto de trabalho realizado pelo grupo. O mesmo ocorre aos domingos, nos quais há os trabalhos de estudo e de desenvolvimento mediúnico, restrito aos iniciados, os trabalhos de *consultas, terapias e cirurgias espirituais*, concentrados em um único dia e direcionados aos *pacientes*, e o *bailado*, prática adaptada da doutrina daimista, também aberto ao público. Já às quintas-feiras acontecem os trabalhos de atendimento ao público, também chamados de *trabalho*

aberto. São nestes trabalhos que acontece o primeiro contato do público com a Irmandade da Luz. De acordo com a escolha do *paciente*, ele é direcionado ao atendimento com uma entidade espiritual, seja um preto-velho, um caboclo ou um guardiãoⁱⁱ ou então é direcionado ao atendimento fraterno, no qual membros trabalhadores da Irmandade da Luz dialogam com o paciente sem a intervenção de entidades.

A Irmandade da Luz: Nova Era, Movimento Religioso ou Nova Religião?

Optamos por abordar as práticas da Irmandade da Luz pelo viés da Análise do Discurso. Isso implica dizer que o que nos interessa neste estudo é compreender, por meio dos processos de produção, distribuição e consumo de textos, a materialização do processo sincrético nas práticas discursivas do grupo. Entretanto, não podemos nos esquivar da necessidade de compreender, pelo menos em alguma medida, do que se trata a Irmandade da Luz: é uma prática que pode ser compreendida no interior da Nova Era? Ou pertence ao que é atualmente entendido como Novos Movimentos Religiosos? Não ousaríamos afirmar categoricamente qual denominação se aplica ao grupo por diversas razões. Este trabalho parte de um lugar teórico que compreende a classificação das práticas discursivas (neste caso a classificação das práticas da Irmandade da Luz inseridas no movimento nova era ou como pertencente aos novos movimentos religiosos) como uma consequência de uma extensa análise dos diversos discursos que as constituem. Por se tratar de uma pesquisa em estágio inicial, seria arriscado enquadrar a Irmandade da Luz em uma destas denominações ou em qualquer outra neste momento. Entretanto, podemos realizar alguns apontamentos iniciais que podem já delinear as possibilidades de classificação da Irmandade da Luz.

A Irmandade da Luz é, em primeira instância, uma ordem religiosa organizada e hierarquizada com propósitos cristãos de caridade claramente marcados. Apresenta-se como uma casa de saúde espiritual, um lugar de cura para a mente, o corpo e o espírito. O contato com os pacientes ocorre enquanto durar o tratamento indicado pelas entidades (pretos-velhos, caboclos, guardiões e médicos espirituais). A partir do momento em que o paciente receber alta das entidades, não há a necessidade de manutenção de vínculo com a casa, ou seja, não há mais a necessidade de frequentar os trabalhos, já que todas as atividades são direcionadas aos pacientes que estão em tratamento. Aqueles que sentem afinidade com as atividades do grupo são orientados para candidatarem-se a

trabalhadores, passando por um período como aspirantes para, após vivenciarem o processo de iniciação, alcançarem o posto de auxiliares e seguirem subindo de níveis na hierarquia da Ordem. Não é como em grande parte dos centros kardecistas em que frequenta-se palestras, cultos e outras atividades sem que esteja passando por um tratamento espiritual ou que se desenvolva um vínculo firmado com a instituição.

Diante do exposto, trazemos as proposições realizadas por Campos (p. 35 e 36, 2003) quanto a algumas características dos Novos Movimentos Religiosos. Optamos por reproduzi-las a fim de que cheguemos a alguns posicionamentos numa tentativa de compreender a Irmandade da Luz quanto a sua denominação religiosa. De acordo com as proposições de Campos a partir da perspectiva da teologia de Paul Tillich, temos os seguintes elementos como caracterizadores dos Novos Movimentos Religiosos:

- Adesão através da conversão e do abandono dos antigos universos de discursos que davam sentido à vida dos indivíduos.
- Exclusivismo e dogmatismo que resultam na estratégia de “donos da verdade”.
- Abandono da postura passiva na produção e consumo dos bens religiosos por intermédio da introdução da espontaneidade e criatividade no culto.
- Ênfase na expansão contínua do movimento por meio de proselitismo.
- Atitude ambígua quanto a sociedade politicamente organizada, que vai da indiferença ou hostilidade até à defesa intransigente do arranjo político-institucional vigente.
- Oferta de redes de apoio emocional e calor humano às pessoas carentes de valorização numa sociedade que privilegia tão somente as conquistas materiais.
- Cooptação de pessoas para “ilhas de certezas”, de onde emanam rígidas categorias de pensamento e normas éticas, destinadas a eliminar as inseguranças provocadas pelo relativismo próprio da modernidade e pós-modernidade.
- Se fundamentam na autoridade suprema e inquestionável de uma liderança carismática, cuja obediência permite a perda do Eu e a aceitação não-crítica de suas ordens e determinações.
- Oferecem uma perspectiva “holística” de vida, eliminando a fragmentação decorrente da análise cartesiana predominante na cultura ocidental.

- Permitem a combinação contínua de fragmentos de visões de mundo anteriores, dentro de uma unidade em que se relativizam as diferenças e contrastes, ofertando-se fórmulas simplistas de enquadramento e orientação dos problemas concretos da vida quotidiana.

Podemos dizer que, mesmo em um estágio inicial de análise, não encontramos correspondência completa das proposições trazidas por Campos (2003) nas práticas discursivas da Irmandade da Luz. Algumas proposições como a perspectiva holística da vida e a combinação de mundos anteriores dentro de uma unidade em que se relativizam diferenças e contrastes fazem parte das práticas da Irmandade da Luz. Entretanto, como dito anteriormente, não nos arriscamos em realizar posicionamentos categóricos quanto às denominações religiosas as quais o grupo pode inserir-se. Podemos dizer, em uma primeira análise, que as práticas da Irmandade da Luz não se enquadram inteiramente nos chamados Novos Movimentos Religiosos.

Birchal (2006), acerca da Nova Era, aponta que esta se apresenta plural, resgatando tradições e práticas diversas, sendo esta a marca do holismo, o qual representa o desejo humano para a integração de todas as coisas. Do mesmo modo, Birchal afirma que

O retorno à religiosidade, neste sentido, ocorre através da difusão destas práticas e conceitos esotéricos, ocultos e mágicos. Sociedades iniciáticas, ordens, confrarias e correntes espiritualistas passam a difundir um novo conhecimento religioso, que bebe de diversas fontes. Um retorno plural ao sagrado, à dimensão transcendental, num movimento individual que tem por objetivo mover o coletivo rumo a níveis mais elevados de consciência, ativando nos homens a idéia de que tudo e todos estão intimamente conectados, preceito fundamental da Nova Era. (idem, p.100)

Diante do exposto sobre a constituição da Irmandade da Luz, podemos dizer que alguns dos elementos que definem as práticas inseridas no que convencionou-se chamar por Nova Era são similares àqueles que constituem a Irmandade da Luz. No entanto, o movimento individual que tem por objetivo mover o coletivo não é o que define exatamente as intenções do grupo como uma casa de saúde espiritual. É justamente um movimento coletivo que tem por objetivo mover o coletivo. A individualidade vem por meio da caridade, já que é nesses momentos em que se pratica a reforma íntima. O caráter esotérico da Irmandade da Luz pode ser uma característica marcante para inseri-

la dentro da Nova Era, bem como a perspectiva holística e espiritualista a qual está inserida. No entanto, como dissemos, não ousamos classificar a Irmandade da Luz como pertencente a qualquer denominação que a categorize como religião, movimento religioso ou pertencente à Nova Era, uma vez que tal classificação não faz parte do escopo teórico direto desta pesquisa. Entretanto, é necessário refletirmos sobre estas questões a fim de entendermos de que maneira acontece o processo sincrético do grupo, de modo a encontrarmos regularidades entre as práticas que estão inseridas nestas categorias e a Irmandade da Luz.

O processo sincrético da Irmandade da Luz a partir de uma perspectiva discursiva

Reiteramos aqui que o intuito deste estudo é a compreensão do processo sincrético a partir dos dispositivos teóricos da Análise do Discurso Textualmente Orientada. Ou seja, almejamos perceber na materialidade dos textos o processo constitutivo do sincretismo nas práticas discursivas da Irmandade da Luz. Recorremos a uma citação de Fairclough, a qual pode ilustrar as intenções teóricas desta pesquisa:

Tal concepção de luta hegemônica em termos da articulação, desarticulação e rearticulação de elementos está em harmonia com o que disse anteriormente sobre o discurso: a concepção dialética da relação entre estruturas e eventos discursivos; considerando-se as estruturas discursivas como ordens de discurso concebidas como configurações de elementos mais ou menos instáveis; e adotando uma concepção de textos que se centram sobre sua intertextualidade e sobre a maneira como articulam textos e convenções prévias. Pode-se considerar uma ordem de discurso como a faceta discursiva do equilíbrio contraditório e instável que constitui uma hegemonia, e a articulação e a rearticulação de ordens de discurso são, conseqüentemente, um marco delimitador na luta hegemônica. Além disso, a prática discursiva, a produção, a distribuição e o consumo (como também a interpretação) de textos são uma faceta da luta hegemônica que contribui em graus variados para a reprodução ou a transformação não apenas da ordem de discurso existente (...), mas também das relações sociais e assimétricas existentes (FAIRCLOUGH, 2001, p.124).

Podemos dizer que esta passagem, de certo modo, nos ajuda a sintetizar a intenção teórica deste estudo. Para que esta se apresente de forma mais clara, retomaremos os conceitos apontados pelo referido autor no trecho anterior. Se a produção, distribuição e consumo de textos são uma faceta da luta hegemônica e

reproduzem ou transformam as ordens do discurso, é a partir da análise destes processos que buscamos identificar de que modo a hegemonia como materialização das ideologias, a relação dialética entre estrutura e evento discursivo, as ordens do discurso como configurações de elementos mais ou menos instáveis e a intertextualidade como aspecto inerente ao texto contribuem para a materialização do processo sincrético na Irmandade da Luz. Sendo assim, apresenta-se como nosso objetivo compreender o processo sincrético da Irmandade da Luz partindo de um ponto de vista estrutural, dialógico e ideológico.

De acordo com essa perspectiva estrutural do processo sincrético da Irmandade da Luz, optamos pela análise dos diversos gêneros discursivos provenientes de práticas religiosas distintas que compõem as atividades realizadas pelo grupo. Compartilhamos da proposição de Bakhtin (2000) de que todas as esferas da atividade humana estão sempre relacionadas com a utilização da língua, a qual ocorre por meio de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, que provêm dos integrantes das diversas esferas da atividade humana. Cada uma dessas “esferas de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (idem, p.279), os quais são denominados *gêneros do discurso*. Os gêneros discursivos ordenam e estabilizam as práticas sócio-comunicativas. É impossível comunicar-se verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto (temos então a noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva). Os gêneros, portanto, se constituem como ações sócio-discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo. Deste modo, para ilustrarmos a proposta de análise do processo sincrético partindo de uma perspectiva estrutural, apresentamos a organização das atividades de quinta-feira, mais conhecidas como *trabalho aberto*, especificando a recorrência de cada um dos elementos que o compõe em outros discursos religiosos.

O trabalho inicia-se com a acolhida dos pacientes em um espaço externo ao salão em que as atividades são realizadas. Há o *passe de limpeza e magnetização* (próprios das práticas espírita e umbandista), seguido de uma palestra sobre o funcionamento da casa. Simultaneamente, há a *abertura do Gongá* (próprio da prática umbandista), momento restrito aos membros da Irmandade da Luz. Após o término destes procedimentos, os pacientes entram no salão. Há uma nova acolhida, seguido do *canto dos hinos da Irmandade* (comum às práticas católica, espírita e daimista), a leitura do *Evangelho segundo o Espiritismo* (próprio da doutrina espírita), a oração do *terço à*

Maria (prática católica), o canto da *oração de São Francisco* e, por fim, o *momento mediúnico* (comum às práticas espírita e umbandista), o qual consiste no diálogo com *entidades espirituais, atendimento fraterno, intervenção à distância* (envio de vibrações a pacientes que já estão em tratamento na Irmandade da Luz) e a *fluidificação das águas*.

É nosso intuito perceber se esta combinação de diferentes gêneros discursivos advindos de práticas religiosas diversas causam alterações nas estruturas destes gêneros de modo a contribuir para a articulação, rearticulação e desarticulação de complexos ideológicos que vão de encontro ou que vão ao encontro da proposta sincrética do grupo. Como dito anteriormente, os gêneros discursivos não são ações deliberadas nem modalidades de composição; são dispositivos de organização, troca, divulgação, transmissão e criação de mensagens em contextos culturais específicos (MACHADO, 2005). Ainda que sejam formas relativamente estáveis de enunciados, o uso dos gêneros permite uma postura ativa do usuário da língua, o que confere ao gênero um caráter enunciativo que mais depende do contexto comunicativo e da cultura do que da própria palavra (*idem*). Neste momento inicial da pesquisa, e a partir da descrição de uma das práticas feita anteriormente, podemos realizar alguns apontamentos. Para tanto, tomaremos a seguinte citação como ponto de partida:

Os sujeitos são posicionados ideologicamente, mas são também capazes de agir criativamente no sentido de realizar suas próprias conexões entre as diversas práticas ideológicas a que são expostos e de reestruturar as práticas e as estruturas posicionadas. O equilíbrio entre o sujeito 'efeito' ideológico e o sujeito agente ativo é uma variável que depende das condições sociais, tal como a estabilidade relativa das relações de dominação. (FAIRCLOUGH, 2001, p.121)

Há sempre uma luta de poder entre os discursos. Entretanto, há a possibilidade de que esses discursos conflitantes se convirjam, uma vez que é possível o equilíbrio entre o sujeito "efeito" ideológico e o sujeito agente ativo, o qual reestrutura e rearticula os elementos do discurso. Por exemplo, dentro do discurso umbandista, há a compreensão de que os rituais são indispensáveis para a mediação entre o plano dos *encarnados* e dos *desencarnados*, como a canto de pontos, o toque do tambor, os pontos riscados no chão e outros elementos como velas, marafos, fundangas, acessórios para as entidades (chapéus e bengalas para os pretos-velhos, leques para as entidades ciganas) etc. Já no discurso espírita, estes tipos de rituais são práticas consideradas

desnecessárias, já que os espíritos *desencarnados* agem no plano dos *encarnados* para realizar os processos de cura, de aconselhamento etc. independentemente de rituais. Estas duas visões distintas do modo de ação dos *desencarnados* não entra, aparentemente, em choque nas práticas da Irmandade da Luz. Os rituais são constitutivos de todas as práticas do grupo, mas revelam-se com maior ênfase nas atividades restritas aos iniciados. A partir da exemplificação da atividade de *trabalho aberto* realizada anteriormente, ainda que não tenha sido descrita com exatidão de detalhes, é possível perceber que não há nenhuma prática ritualística marcada, como as giras, em nenhum dos gêneros discursivos que constituem o *trabalho aberto*, inclusive durante o momento mediúnico, no qual entidades que são costumeiramente associadas às práticas umbandista e da doutrina do Vale do Amanhecer manifestam-se sem qualquer ritual. Sendo assim, podemos dizer por hipótese que há um apagamento do discurso umbandista (e do Vale do Amanhecer) que se mostra conflitante com o discurso espírita. Um dos questionamentos desta pesquisa é a de que o processo sincrético não ocorre somente pela rearticulação e desarticulação de discursos; o apagamento é também um modo de estabelecer este processo. Bakhtin ainda afirma que

(...) os contextos possíveis de uma única e mesma palavra são frequentemente opostos. As réplicas de um diálogo são exemplo clássico disso. Ali, uma única e mesma palavra pode figurar em dois contextos mutuamente conflitantes. É evidente que o diálogo constitui um caso particularmente evidente e ostensivo de contextos diversamente orientados. Pode-se, no entanto, dizer que toda enunciação efetiva, seja qual for a sua forma, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo com alguma coisa. Os contextos não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006, p.107).

Sendo assim, observar as lutas hegemônicas nas práticas discursivas da Irmandade da Luz por meio de seus complexos ideológicos mostra-se essencial para compreender e analisar a materialização do sincretismo, uma vez que

[c]ada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, p. 33).

São muitos os aspectos discursivos que compreendem as atividades da Irmandade da Luz. Perceber e analisar os processos dialógicos, os gêneros discursivos e os complexos ideológicos são apenas um dos diversos vieses pelos quais as práticas do grupo poderiam ser abordadas. Consideramos que realizar um estudo aprofundado das práticas da Irmandade da Luz contribui não somente para a revisão bibliográfica da *Análise do Discurso Textualmente Orientada*, na aplicação da teoria e das categorias de análise. Existe ainda a possibilidade de, por meio da análise do material textual, percebermos que o caráter sincrético presente em muitas vivências religiosas contemporâneas podem ser tanto um fator libertador dos dogmas das instituições como um aspecto reforçador destes.

Considerações finais

A Irmandade da Luz apresenta-se como uma nova forma de vivência religiosa, a qual realiza um hibridismo com as mais diversas doutrinas e filosofias com uma principal finalidade: a caridade por meio de processos de cura espiritual. Uma vivência marcadamente cristã que para cumprir os seus propósitos busca tanto em discursos legitimados como o catolicismo e o espiritismo como em discursos marginalizados como a Umbanda, o Santo Daime, o Vale do Amanhecer, bem como em algumas filosofias orientais, elementos que propiciem uma abrangência de abordagens e conhecimentos que visem não só o bem-estar do indivíduo, mas a tolerância entre os credos. A riqueza das práticas discursivas que constituem o grupo não pode ser contemplada em um único estudo. Apresentamos aqui uma mínima parte da grande variedade de atividades e procedimentos que fazem da Irmandade da Luz uma casa de saúde espiritual sincrética, cujo hibridismo é digno de ser descrito, analisado e divulgado como mais uma vivência religiosa contemporânea no Brasil, em uma região em que a tradição sincrética afro-brasileira e indígena não tem grande força.

Por ser um estudo em fase inicial, há muito que ser realizado de modo a compreender em plenitude o processo sincrético da Irmandade da Luz. Acreditamos que o trabalho de descrição dos gêneros discursivos que compõem todas as práticas, bem como a investigação dos complexos ideológicos e a identificação os processos dialógicos que as constituem são a chave para entender a materialização do sincretismo em uma perspectiva discursiva.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: _____. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997.

BIRCHAL, F.F.S. Nova Era: uma manifestação de fé da contemporaneidade. *Horizonte*, v. 5, n. 9, Belo Horizonte, 2006, p. 97-105.

CAMPOS, L. S. Os novos movimentos religiosos no Brasil analisados a partir da perspectiva da teologia de Paul Tillich. *Correlatio*, vol. 2, no. 3, São Paulo, 2003, p. 27-38.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

MACHADO, Irene. *Gêneros discursivos*. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005.

ⁱ Assim como no Vale do Amanhecer, todos aqueles que não são iniciados na Ordem Irmandade da Luz são chamados de pacientes.

ⁱⁱ Para a Ordem Irmandade da Luz, o termo exu é substituído pelo termo guardião.